

24h*

VENCEDORES DE CONCURSO 'CHORAM' NO PÉ DO CABOCLO E CONHECEM MONUMENTO DE PERTO

É inevitável ser baiano e nunca ter ouvido alguém mandar algum colega ir “chorar no pé do Caboclo”. Pois bem, quatro sortudos tiveram uma chance de conhecer o tal personagem de pertinho ontem. Quatro vencedores do concurso cultural “Aos pés do Caboclo”, da Fundação Gregório de Mattos (FGM), em parceria com a prefeitura, fizeram uma visita ao monumento em homenagem ao 2 de Julho, no Campo Grande, com direito a fotos, uma vista privilegiada e uma boa dose de emoção.

Os sortudos foram o professor de Teatro Rafael Moraes de Souza, 41; a estudante de Hotelaria, Marta Synara Duarte, 36; o escritor Antônio César Bispo, 25; e a produtora cultural Neusinéia Maciel, 25. As inscrições ocorreram entre os dias 7 a 17 de junho, na página oficial FGM no Facebook, e ganhou quem fez o melhor comentário na imagem do concurso cultural Aos Pés do Caboclo.

Bastante animado durante a visita, Rafael revelou que decidiu participar do concurso porque a ideia o fez lembrar de sua infância, em Ilhéus, no Sul do estado, onde a cultura indígena é muito presente e a mestiçagem dos povos é muito forte. “Fiquei muito feliz. Quando vi o anúncio fiquei instigado, achei curiosa a forma do prêmio ser a oportunidade de subir lá e contemplar de perto esse símbolo heroico para a Bahia. Foi uma experiência incrível, uma coisa diferente, inusitada. Imediatamente comeci a lembrar de muitas coisas, inclusive da minha relação com a figura do Caboclo, que desde a minha infância, em Ilhéus, está presente todos os dias, por ser uma representação de todos nós baianos e brasileiros”, contou.

RESTAURAÇÃO

A subida da visitação foi guiada pelo professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (Ufba), José Dirson Argolo, 74, restaurador responsável pela recuperação da estrutura do Caboclo. O objetivo do concurso era proporcionar a quatro pessoas a possibilidade de conhecer de perto os detalhes históricos e arquitetônicos da obra que homenageia o 2 de Julho, reforçando o tema das comemorações do cortejo da independência do Brasil na Bahia em 2019, Patrimônio do Povo.

Também vencedora do concurso, Marta é admiradora da cultura baiana a distância, já que mora em Fortaleza. Ela conta que veio para Salvador somente para



FOTOS MARINA SILVA

Vencedores de concurso promovido pela FGM puderam chorar literalmente no pé do Caboclo

No pé do Caboclo



Monumentos em homenagem aos caboclos, no Campo Grande, estão passando por restauração



“Como escritor, tenho proximidade com os monumentos em geral. Tirei o ano para pesquisar todos eles”
Antônio César

Escritor



“Já fiz parte da produção do 2 de Julho e pude perceber a relação que as pessoas têm com o desfile. Fico sempre fascinada”
Neusinéia Maciel

Adepta do candomblé

participar do concurso e que suas visitas à capital baiana ao monumento no Campo Grande contribuirão para a sua pesquisa acadêmica, que aborda a contribuição da cultura afro-brasileira para a construção dos patrimônios turísticos no Brasil. Como a Bahia foi onde tudo começou, ela não pensou duas vezes em viajar quando recebeu a informação de que tinha sido escolhida como uma das vencedoras.

“Eu estudo muito sobre a história da Bahia, a independência do Brasil, a chegada dos portugueses. O monumento do Caboclo é o marco da independência da Bahia, isso me fascina bastante. Muitas pessoas não fazem nem ideia da grandiosidade e riqueza da história da Bahia e do Brasil. Essa ação é um resgate e valorização da nossa cultura”, diz.

A forte cultura do monumento também mexeu com o escritor Antônio César, que sempre gostou de usar a cultura baiana como tema de seus escritos. “Como escritor, tenho uma proximidade com os monumentos em geral. Tirei este ano para pesquisar todos eles e participar de todas as festividades. O do Caboclo sempre esteve presente na minha vida, porque estudei aqui na região, então ele sempre fez parte do meu cotidiano, já que eu passava por aqui todos os dias, sempre admirando”, lembra saudosista.

Neusinéia Maciel, que mora perto do Campo Grande, também sempre passou pelo Caboclo, mas nunca imaginou tocar os seus pés. “Sou nascida e criada num terreno de candomblé no Subúrbio. Apesar de hoje morar no Campo Grande, tenho uma entidade chamada de Caboclo, sou muito apegada a isso, pois ele tem uma relação muito forte com o índio, suas vestimentas lembram muito a entidade. Já fiz parte da produção do 2 de Julho há três anos, foi quando pude perceber a relação que as pessoas têm com o desfile. Fico sempre fascinada com a importância que as pessoas dão”.

O CORREIO também conversou com o presidente da FGM, Fernando Guerreiro, que falou sobre o concurso, que surgiu a partir do jargão “chorar no pé do Caboclo”. “É uma experiência muito interessante porque as pessoas só têm uma visão desse monumento de baixo. Ao chegar lá, eles tomam um susto muito grande, por conta da grandiosidade da obra. Queremos despertar a curiosidade para ele”.

EDUARDO DIAS COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTAGEM JORGE GAUTHIER